

# A Semiologia

## de Patrick Charaudeau :

### uma interessante opção de análise discursiva

IDA LÚCIA MACHADO — UFMG

Como toda análise discursiva da 2ª fase, a Semiologia é, de certa maneira, uma reação contra as Análises de Discurso da 1ª fase, ou seja, as que levam em conta somente abordagens do tipo lexical ou sintático, negligenciando o texto, como resultado de um ato de linguagem. Mesmo nos trabalhos do ADELA - grupo de estudos que surgiu e se organizou em torno das pesquisas inovadoras de Michel Pêcheux - o que se procurava localizar nos documentos de um corpus eram determinadas formações discursivas, o que, não resta dúvida, é um procedimento bastante útil em termos de análise discursiva, mas que, convenhamos, deixa de lado o “objeto” texto (1).

Ora, a Semiologia tenta interrogar os atos de linguagem que compõem o “objeto” texto, examinando-os tanto na sua parte explícita como na sua parte implícita, o que é sintetizado através de uma fórmula bastante simples:

A de L = (Explícito x Implícito) C de D,

onde se considerará “A de L” como ato de linguagem; “C de D”, as circunstâncias do discurso, ou seja, o saber em comum que circula entre os protagonistas da linguagem, ou os “filtros” utilizados pelos seres comunicantes, a fim de dar um sentido aos seus discursos, de adaptá-los às práticas sociais e comunicativas (2).

A Análise de Discurso proposta por Patrick Charaudeau é uma análise que examina as condições de produção e de existência dos enunciados e os efeitos extralingüísticos que, paradoxalmente, o uso da linguagem busca obter; é, pois, uma análise que leva em conta a linguagem em si, assim como também o contexto psicossocial que possibilita a aparição de tais e tais enunciados, em vez de tais e tais outros.

O primeiro ponto a ser destacado, então, é :  
a Semiologia trabalha com o lingüístico e com o extralingüístico.

A importância do produtor empírico dos enunciados não é propositalmente posta de lado (como ocorre nas análises discursivas de O. Ducrot), nem tampouco é ofuscada por outros elementos (como ocorre nas análises do ADELA que enfatizam a força das formações discursivas sobre o “dito” do indivíduo); tanto o produtor empírico do enunciado, como o sujeito efetivo deste fazem parte das preocupações da Semiolingüística.

Assim, duas abordagens em relação à linguagem são reivindicadas:

1) Uma que leve em conta o conceito de linguagem-objeto-transparente e se interrogue sobre “o que” (“Sobre qual coisa”.) fala o texto;

2) outra que se caracterize pelo conceito da linguagem-objeto-não-transparente e se interrogue sobre a maneira pela qual nos fala o texto.

Trata-se, evidentemente, de duas atitudes antinômicas, mas que são assumidas como objeto da Semiolingüística.

Qual a razão desta tomada de posição?

Justamente, creio eu, para achar um equilíbrio entre o sujeito falante, individual único (do qual nos fala Benveniste) e o sujeito coletivo, aquele que é condicionado pela força das formações discursivas (segundo o que nos dizem Foucault e Pêcheux, entre outros).

O segundo ponto a ser destacado, então, é: a Semiolingüística leva em conta a duplicidade do sujeito falante, o seu lado coletivo, condicionado e “imposto” pelas práticas sócio-discursivas.
---

Assim, segundo esta teoria, todo ato de linguagem conta com quatro sujeitos : dois reais que, por sua vez, vão criar dois “fictícios”, ou seja, que só existem no mundo falado ou escrito. O sentido discursivo só é encontrado na reunião/observação de dois espaços, o externo e o interno: o espaço que envolve os elementos próprios à situação psicossocial, onde se produz e se desenrola o discurso, e o espaço que compreende os elementos ligados ao uso da linguagem.

O espaço externo é, pois, formado pelos elementos “situacionais” que envolvem o ato de comunicação; ele se refere aos indivíduos históricos que produzem/tomam a iniciativa da comunicação, aos indivíduos que, pela fala ou pela escrita, são “levados” por fatores psicossociais- a se comunicar de um modo e não de outro, a estabelecer com o outro certos “contratos de palavra”, contratos para fins comunicativos (3). Neste espaço estão, pois, situados os “parceiros” da comunicação: um sujeito comunicante que se dirige a um sujeito interpretante. Por exemplo: escritor & leitores; conferencista & público; cliente & vendedor de uma loja, etc.

O espaço interno é o espaço lingüístico propriamente dito, o mundo criado pelo uso da linguagem. Nele se movimentam os “protagonistas”, os atores da comunicação: um sujeito enunciatador e um sujeito destinatário. É o espaço do DIZER (enquanto que o espaço externo é o espaço do FAZER), o espaço que divulga as instruções de sentido contidas em

determinadas palavras; o espaço onde são dispostos os elementos discursivos... Alguns exemplos: o narrador de um conto e seu leitor virtual/ideal; o locutor de um jornal de televisão e seu ouvinte virtual/ideal.

O terceiro ponto a ser destacado é, então: no ato de linguagem, segundo Charaudeau, não existe um enunciador único, mas sim quatro protagonistas: dois exteriores ao ato de linguagem e cuja atuação está ligada às práticas psicossociais e dois interiores ao ato de linguagem, verdadeiras criações do sujeito “comunicante” ou produtor empírico da enunciação.

Assim, todo ato de linguagem é considerado como uma espécie de expedição e aventura. Uma expedição, porque todo ato de linguagem tem um caráter intencional. Ele é concebido por um sujeito comunicante que organiza, dentro de suas possibilidades sociolingüísticas, o que vai escrever/falar; ou seja, o ato de linguagem é condicionado pela competência individual do seu criador, assim como também pelas imposições de ordem psicossocial que rodeiam seu criador. O ato de linguagem nunca é aleatório; ele é concebido com o fim específico de “atingir” o outro, o sujeito interpretante (leitor ou auditor real), a fim de levá-lo a se identificar com o destinatário ideal do sujeito comunicante.

Para obter sucesso nesta “aventura”, o sujeito comunicante vai então usar um certo número de contratos e estratégias.

A noção de contrato é bastante presente na Semiolingüística. O contrato parte da pressuposição de que indivíduos que pertençam ao mesmo corpo de práticas sociais se entenderão entre si. Ou seja: eu me “reconheço” na fala do outro (ele é do meu grupo sócio-ideológico); logo, sou suscetível de me deixar influenciar pelo que ele me diz e assim estabelecer uma relação de convivência, de cumplicidade com seu “texto”.

A noção de estratégia se organiza em torno da hipótese seguinte: o sujeito comunicante coloca em cena suas intenções (conscientes ou não), para produzir/obter certos efeitos no “outro”, no sujeito-interpretante; efeitos estes ligados à sedução e que visam sempre a levar o leitor ou auditor real a se identificar com o leitor ou auditor ideal.

Daí, então, a aparição de certos contratos em discursos que aparentemente não têm nada a ver com o tom desses contratos. Por exemplo, a inclusão do contrato humorístico no discurso didático: o professor interrompe uma explicação difícil, na sala de aula, para contar aos alunos um caso engraçado. Ora, através de tal procedimento (através dessa “mistura” de contratos) ele visa a um efeito determinado: diminuir a tensão dos alunos, o que possibilitará, em seguida, melhor concentração/observação dos conceitos explicados.

Para que toda esta teoria seja colocada em prática, pode-se observar, nos corpus, quatro grandes ordens de organização da “mise en scène” discursiva:

1. a ordem enunciativa, que organiza os lugares e os estatutos dos protagonistas do ato de linguagem, ou seja: eu X tu; quais as relações que eles têm entre si; os comportamentos que podem adotar...
2. A ordem argumentativa, que é aquela que organiza, no texto, o saber do discurso, o mundo que é contado, o jeito pelo qual ele é apresentado...
3. A ordem narrativa, que pressupõe, num texto, a existência de uma situação de falta para um determinado ser; a tomada de consciência dessa falta, o que incita este ser a torna-se o agente de um fazer (busca); busca que consiste em tentar preencher a falta e chegar a um resultado, que pode se situar entre o sucesso e o fracasso.
4. A ordem retórica, ou seja : tudo o que se é usado, lingüisticamente falando, para se obter/produzir um efeito especial no sujeito interpretante.

O quarto ponto a ser destacado é, então: a Semiolingüística propõe uma abordagem discursiva que analise, nos textos de um corpus dado, os aparelhos enunciativo, narrativo, argmentativo e retórico.

## CONCLUSÕES

Nota-se que há uma certa similaridades entre as teorias de Ducrot e de Charaudeau, no que diz respeito ao desdobramento do sujeito emissor. Há, porém, uma diferença importante a ser considerada: Ducrot centra suas preocupações apenas no sujeito emissor, dividindo-o em três : um sujeito falante, produtor real do enunciado, que vai criar um locutor, responsável pelo enunciado; o locutor é um “ser de papel” que vai, por sua vez, permitir (ou não) a participação de um ou mais enunciadores, responsáveis pelos diferentes pontos de vista expostos nos enunciados. Embora esta abordagem seja extremamente clara e de agradável aplicação prática, deixa de lado um elemento importante: o sujeito receptor que, como sabemos (através de Jakobson, Benveniste, Genette, entre outros), não pode ser excluído dos processos comunicativos, já que quando falamos ou escrevemos temos sempre em mente um receptor ideal. É nesse ponto que a análise proposta por Charaudeau nos parece mais abrangente, pois considera o sujeito emissor e os efeitos que ele tenta produzir/alcançar no outro (o sujeito-receptor).

Trata-se de uma análise que leva em conta, simultaneamente, o poder da linguagem atuando no indivíduo e a relativa liberdade do indivíduo usando (ou subvertendo) a linguagem, num movimento circular, em suma.

Charraudeau é assim bastante atento aos aspectos sociais do discurso, aspectos que impõem ao seu usuário um “implícito codificado” (= “contrato de palavra”) (4).

A Análise de Discurso é, pois, neste caso, análise das representações sócio-psico-lingüísticas de certos indivíduos que pertencem a determinados grupos sociais e que neles atuam simultaneamente na condição de sujeitos individuais e sujeitos coletivos.

#### NOTAS

(1) Eis uma definição de texto, segundo Charaudeau:

"Um texto (resultado do ato de linguagem) é sempre único (singular), pois é produzido por um sujeito singular; mas ao mesmo tempo, pertence a um gênero discursivo, pois não existe sujeito fora de uma troca social e toda troca social é, em parte, codificada". ("La critique cinématographique: faire voir et faire parler", p.p 48-49. A tradução é nossa.)

(2) É este "saber em comum" que faz, por exemplo, que o garçon de um bar, atendendo ao pedido do freguês: "Uma caipirinha, por favor", lhe traga uma bebida feita de pinga, açúcar e limão e não uma menina que veio da "roça".

(3) Esta idéia está ligada ao "Princípio de Cooperação" de Grice.

(4) O que, de certo modo, aproxima suas teorias das de Pêcheux; só que, para Charaudeau, são as condições psicossociais que "condicionam" os discursos, enquanto que para Pêcheux este papel de "influenciador-direto" é expresso pelas ideologias políticas do grupo.

## BIBLIOGRAFIA

CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et discours. Éléments de Sémiolinguistique*. Paris, Hachette Université, 1983.

\_\_\_\_\_. "La critique cinématographique: faire voir et faire parler". In: *La presse. Produit, production et réception*. Paris, Hachette Université, 1983.

\_\_\_\_\_. "La conversation entre le situationnel et le linguistique". In: *Connexions n° 53, ARIP-ERES*, 1989.

DUCROT, Oswald. *Le Dire et le dit*. Paris, Minuit, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*. Paris, Hachette Univ., 1976.

\_\_\_\_\_. *Nouvelles tendances en analyse du Discours*. Paris, Hachette, 1984.